

ANTEPROJETO DE DESIGN DE INTERIORES UTILIZANDO TÉCNICAS DE EXPOGRAFIA APLICADAS A UM MUSEU DE ARTE SACRA

INTERIOR DESIGN PROJECT USING EXPOGRAFY TECHNIQUES APPLIED TO A SACRED ART MUSEUM

Eva Caroline de Sena Castro [IFPB]
Roberta Xavier da Costa [IFPB]

RESUMO

A presente comunicação apresenta resultados parciais da pesquisa desenvolvida para o Trabalho de Conclusão do Curso Superior de Tecnologia em Design de Interiores; que tem como objetivo propor um anteprojeto que se utiliza dos conceitos e aplicações técnicas da expografia em museus, para o Museu de Arte Sacra Maximiano Campos, localizado no município de Goiana-PE. O objeto desse estudo foi apresentado e analisado considerando os aspectos e características de sua história e acervo. A partir do estudo detalhado do espaço e de revisão de literatura, foi proposta uma solução de layout acessível que se adequa as normas pertinentes a esse tipo de espaço, considerando os parâmetros técnicos e normativos. E, para o desenvolvimento da proposta expográfica como um todo, foi elaborado um conceito a partir do estudo do próprio acervo, levando em conta o seu valor histórico para a cidade.

PALAVRAS-CHAVE

Anteprojeto de Interiores; Exposição de Arte; Museu de Arte Sacra; Expografia.

ABSTRACT

A present is a listing of the results of the research developed for the Completion Work of the Superior Course of Technology in Interior Design; The use of concepts and techniques of expography in museums for the Museum of Sacred Art Maximiano Campos, located in the municipality of Goiana, Pernambuco. The project was presented and analyzed considering the dimensions and characteristics of its history and heritage. From the study of revision of the literature, a layout solution was applied that the rules for this type of space were considered, considering the technical and normative details. And, for the development of the expository proposal as a whole, the concept was developed to study the collection itself, taking into account its historical value for the city.

KEYWORDS

Interior design; Art exposition; Museum of Sacred Art; Expography.

Introdução

A expografia não é o único elemento levado em consideração no processo de idealização e montagem de uma exposição. Porém, sem ela, é impossível fazer com que o conhecimento de um historiador e/ou museólogo, acerca das obras de arte, tome forma e ocupe o espaço de maneira que o visitante compreenda. A exposição é um meio de comunicação dirigido a um público, que tem por finalidade transmitir uma

informação. Essa informação varia de acordo com o tipo e a proposta da exposição, e existem alguns parâmetros que direcionam como determinados tipos de obras de arte devem ou não serem expostas. (PADILHA, 2013, p. 09).

Dessa forma, a expografia torna-se uma ferramenta de potencializar o valor histórico e artístico de uma obra, bem como de proporcionar ao público visitante uma experiência cultural em sua totalidade. Diante destes conceitos, a presente pesquisa buscou identificar quais estratégias adequadas em projetos de design de interiores, que poderiam ser aplicadas em uma expografia de um acervo permanente de um museu de arte sacra. Com isso objetivou-se reconhecer as possíveis problemáticas do espaço em questão, e determinar estratégias expográficas, bem como propor soluções para o uso adequado de iluminação no espaço museal.

Metodologia

A pesquisa utilizou-se do levantamento bibliográfico, a fim de colher informações pertinentes para embasamento teórico, bem como também, para bases técnicas e normativas, partindo das diretrizes apontadas por Panero (2002), e a acessibilidade presente na NBR 9050/2015. Foi realizado também um levantamento físico, que, através de visitas ao objeto de estudo, o Museu de Arte Sacra Maximiano Campos, localizado em Goiana-PE, coletou informações a respeito das medidas e características do ambiente de uma forma geral, bem como aplicou entrevistas aos funcionários do mesmo, a fim de identificar as necessidades do espaço. Após a coleta de dados, estes foram analisados e colocadas em confronto, para que fosse possível identificar prováveis problemáticas.

Parâmetros Normativos e organização espacial aplicados a Museus

Cada tipologia de acervo exige uma forma de exposição particular, e isso ocorre devido alguns fatores primordiais, como por exemplo, o tipo de material da obra. Não existe uma fórmula correta de expor obras de arte, mas qualquer técnica que seja adotada deve, sobretudo, visar a preservação da peça. O Ministério da Cultura no Brasil (2006), através da Secretaria de Cultura do Estado do Paraná, estabeleceu alguns desses parâmetros em uma cartilha intitulada: Princípios Básicos da Museologia. Essa Cartilha tem como objetivo orientar o processo de montagem de exposições, desde a formação da ideia até a concretização da mesma, levando em consideração parâmetros técnicos e normativos, bem como conteúdos referentes a

escolha do ambiente para exposição, do conceito aplicado à exposição, a seleção do acervo, aplicação de cores, textos, suportes e outros recursos expográficos.

A Política Nacional de Museus (PNM)¹, recentemente, disponibilizou virtualmente a série *Caminhos da Memória*, que tem como objetivo “atender à grande demanda por formação e capacitação de profissionais atuantes no campo museal brasileiro” (BORDINHÃO, VALENTE, e SIMÃO 2017, p. 5 e 6). Cada tipo de material do acervo, segundo a PNM, precisa de um cuidado específico e, portanto, uma forma de exposição própria. Quanto aos suportes adequados a cada tipo de obra de arte, existem variações que se adequam ao formato que a exposição se propõe e o conceito aplicado nela. Dessa forma, é fundamental para a expografia, analisar o acervo em sua totalidade, conhecendo-o em suas composições e materiais, para só então propor o melhor estudo expográfico, sem que haja danos ao acervo (BORDINHÃO, VALENTE, e SIMÃO, 2017, p.67 a 70).

Se consideramos os museus como lugares de acesso à cultura que devem ser apreciados por todas as pessoas, estamos, portanto, abrindo possibilidades para os mais variados públicos. Dessa maneira, é imprescindível pensar nas necessidades específicas desse público diverso.

A NBR 9050/2015, *Norma Brasileira em Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos*, prevê os espaços mínimos de circulação que um usuário de cadeira de rodas precisa ter para conseguir se locomover com facilidade, em espaços públicos e privados, bem como as alturas ideais de seu campo de visão. É importante que esses espaços e alturas sejam respeitados durante o processo de concepção das exposições, considerando que elas são projetadas para um público diversificado. Quanto a isso, a norma estabelece um módulo de referência que serve como base para o desenvolvimento projetual, a partir de dimensões mínimas, considerando a ocupação de uma cadeira de rodas no valor de 1.20x0.80cm. Portanto, é a partir desse módulo de referência, que se desenvolvem todas as outras medidas mínimas de acesso e circulação para cadeiras de rodas. No que se refere a circulação, a NBR9050/2015 prevê uma distância mínima de 1.20cm para uma cadeira de rodas, paralela a uma pessoa em pé. E, para duas cadeiras paralelas, a dimensão máxima de 1.80 cm.

Para garantir uma área de manobra da cadeira de rodas, sem que haja deslocamento, é preciso atentar para as possibilidades. Um giro de 360°, exige um espaço mínimo de 1.50cm de diâmetro, entretanto, essa não é a única maneira de garantir uma

manobra. Se o ambiente não dispor de espaço suficiente para oferecer um local de giro total, é possível garantir uma rotação de 90°, que necessita de um espaço de 1.20 m x 1.20 m, ou de 180°, que precisa de uma área de 1.50 m x 1.20 m.

Além das questões referentes a circulação de cadeira de rodas, é necessário também, dentro do ambiente dos museus, garantir que o alcance visual seja pensado para todos. Dessa maneira, a exposição das peças do acervo, deve atender as distâncias mínimas de visualização. Uma obra com mais de 2.00 m de altura, precisa ter um espaço de visualização de 3.00 m de distância, para que o indivíduo possa ter um alcance visual adequado. Isso se aplica tanto para pedestres, quanto para cadeirantes. Nesse mesmo parâmetro, obras de menores dimensões, precisam garantir uma distância mais aproximada como de 1.00 a 2.00 metros, para que os ângulos de visão do público possam ser contemplados. Para isso, o uso de expositores em alturas médias entre 0.80 m e 1.00 m, se torna ideal para o alcance visual de obras de pequeno porte, com dimensões entre 0.15 a 0.65 m.³ Tomando como base os estudos de PANERO (2002), sobre o dimensionamento humano para espaços de interiores, pretende-se considerar os espaços mínimos de circulação em ambientes públicos e as alturas médias do campo de visão humano, levando em consideração também, a NBR 9050/2015, já citada. Para qualquer tipo de projeto de interiores é importante tomar como base normas técnicas que possam embasá-lo. No caso dos Museus de Arte Sacra não existe uma norma específica para esse tipo de projeto. Entretanto, existem algumas normas mais gerais, como, por exemplo, a que visa acessibilidade em espaços públicos, que podem ser adaptadas à realidade do ambiente.

Caracterização do Objeto de Estudo

Localizada na Zona da Mata Norte do estado de Pernambuco, Goiana possui um rico acervo histórico e cultural. É possível encontrar essa memória do passado enraizada em prédios antigos, em igrejas com traços de arquitetura barroca e no acervo pertencente ao Museu de Arte Sacra Maximiano Campos. Hoje o acervo está sob a guarda do Serviço Social do Comércio (SESC) Ler Goiana, com a condição de que as peças passem pelo processo de restauro para serem exibidas à população. O Museu foi inaugurado em 2013, e está aberto ao público de segunda a sexta-feira, das 9:00h às 12:00h e das 14:00h às 17:00h. O museu possui uma exposição permanente, mas mutável de acordo com o processo paulatino de restauro das peças, que está sendo

realizado por uma equipe especializada em conservação e restauro de bens culturais. O acervo conta com aproximadamente 840 peças, que, podem ser classificadas por seus materiais e/ou períodos históricos.

A partir de visitas ao Museu de Arte Sacra Maximiano Campos, foram identificadas as peças que compõem a atual expografia, bem como também sua distribuição no espaço museal. Em diálogo com a coordenação geral de cultura do SESC Goiana, foi liberado o acesso à planta original do espaço, porém, ainda assim, foi realizado um levantamento para checagem de medidas. O museu em estudo, possui uma área total de aproximadamente 400m² (Figura 1), sendo toda ela dividida entre apenas dois setores: o hall de entrada/recepção e o espaço expositivo.

A proposta da atual expografia (Figura 1), se define na divisão do acervo em ilhas de visualização. Como não existem divisórias internas dentro do ambiente, ele não possui uma setorização visível. As ilhas não têm nenhum elemento de divisória entre si, contudo, a própria maneira de expor define limites visuais e corporais. As ilhas são definidas por similaridades, as peças que se encaixam na mesma classificação, material ou estilos, estão agrupadas entre si.

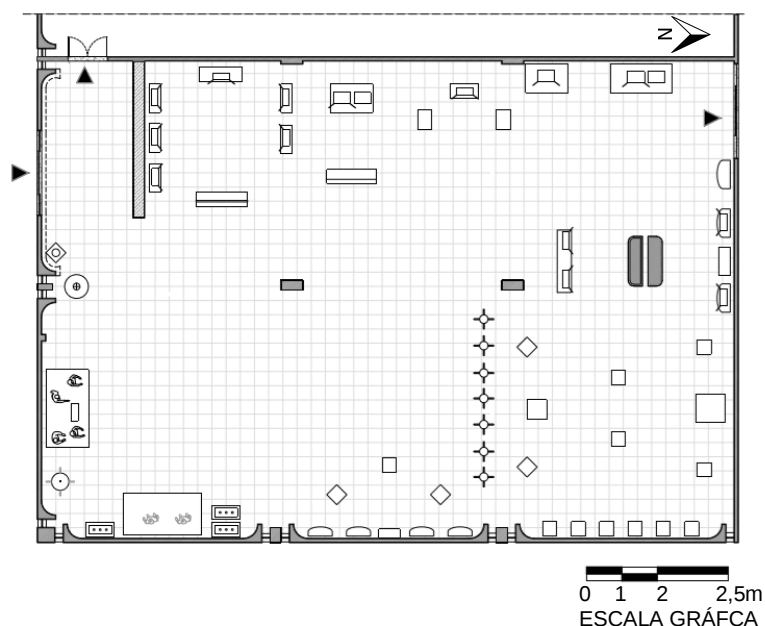


Figura 1: Planta de situação atual
Fonte: Própria (2018).

As cores utilizadas em algumas paredes do espaço, bem como em alguns expositores de MDF, são inspiradas na instituição, que possui o amarelo e o azul em sua logomarca. As demais cores neutras, estão presentes no piso em porcelanato na cor marfim, e na pintura de outras paredes na cor branco gelo. O uso do “azul royal” em

algumas paredes, acaba interferindo na visualização de alguns oratórios, tendo em vista que o azul é uma cor muito presente em quase todas as peças dessa categoria. No tocante ao acervo e suas categorias, através de análise de fichas catalogadas pelo IPHAN, disponibilizadas pela supervisão de cultura do Sesc Pernambuco, foi possível perceber alguns materiais e classificá-los de formas gerais e específicas. No geral, os materiais mais presentes no acervo são a madeira, o verniz e os elementos pictóricos. Entretanto, existe em alguns objetos específicos a presença de materiais como o vidro, pedra de mármore, barro e até metal.

Desenvolvimento Conceitual

Segundo a cartilha “*Caminhos da Memória*”³, do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), o conceito é a parte primordial de uma exposição. A cartilha aponta que: “A exposição precisa ter uma intencionalidade, de modo que as escolhas sejam conscientes e direcionem o trabalho ao resultado que se busca. É preciso saber o que se quer dizer, para então desenvolver a maneira mais adequada possível para dizê-lo” (BORDINHÃO, VALENTE, e SIMÃO, p.21, 2017). Pensar um conceito expográfico, portanto, é promover um discurso unificado do acervo exposto a partir de uma temática central, que pode ser ramificada em diversos desdobramentos, mas, que sempre traz o público de volta ao ponto de partida. O conceito precisa estar diretamente ligado à pesquisa e ao levantamento de dados do espaço museal. Em se tratando do Museu de Arte Sacra Maximiano Campos, observou-se que a maioria das peças do acervo pode promover uma relação com o passado da história da cidade, visto que o museu é classificado com uma vertente histórica.

A proposta feita aqui, é pensar a exposição a partir dos oratórios e santuários, que, segundo definição do IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, são considerados móveis religiosos, similares a um retábulo, onde são guardadas imagens de devoção. Podem apresentar formas, tamanhos e usos diversificados. Esses objetos que serviam como protetores da fé nas casas, tinham o objetivo de guardar algo precioso a portas fechadas.

A exposição intitulada “*Portas da Memória*” seria um convite aos goianenses para adentrarem na história, cultura e costumes de sua cidade, abrindo as portas do passado e da memória que se materializam no acervo do Museu de Arte Sacra Maximiano Campos.

A fim de ilustrar a presente ideia, foi desenvolvido um painel semântico que a partir de algumas imagens que nortearam o desenvolvimento conceitual, servem como base para a definição de cores e materiais a serem aplicados no ambiente. O oratório representado no painel é o ponto de partida do conceito. Através dele as ideias se complementam, de modo que a imagem de uma porta antiga, com detalhes entalhados, relembra não só as portas desses objetos, mas também das casas do século passado.

Figura 2: Painel Semântico
Fonte: Própria (2018).

A ideia de “abrir as portas” pode remeter ao público o ato de entrar em sua própria casa, ou a casa de sua parentela, seus ancestrais, sendo assim, um ambiente aconchegante que lhe proporcione o sentimento de segurança de um lugar conhecido.

Seleção do Acervo

Contudo, outras obras dessa categoria, em porte maior, também foram selecionadas, devido sua forte relação com os costumes e cultura locais.

O conjunto de louça inglesa, que pertenceu a uma família abastada da cidade, também faz parte da seleção, justamente por remeter a objetos domésticos. Os castiçais e tocheiros são elementos que auxiliam a composição do ambiente sacro, e reportam-se ao ato de acender velas durante as preces devocionais.

Estudo Preliminar

Para a definição da ordem da exposição, baseada na seleção do acervo, bem como no conceito criado anteriormente, foi feito um estudo de fluxo para definir a disposição das informações no espaço expositivo. Considerando a inserção de divisórias internas no ambiente, o estudo aponta a garantia de um espaço com uma circulação segura, tanto para pedestres quanto para cadeirantes. O *Zoneamento* (Figura 3) propõe que o setor de exposição seja dividido em cinco partes, sendo que o setor educativo não está compartilhado aos demais.

No estudo de *Fluxo* (Figura 3), que pode ser percebido através da sequência das setas, há uma sobreposição das mesmas em pontos específicos. Mas, isso não impede que a proposta cumpra a sua função, visto que os espaços de circulação permitem a passagem de duas pessoas em uma via de mão dupla, pois possui um corredor com 2.10 cm de circulação.

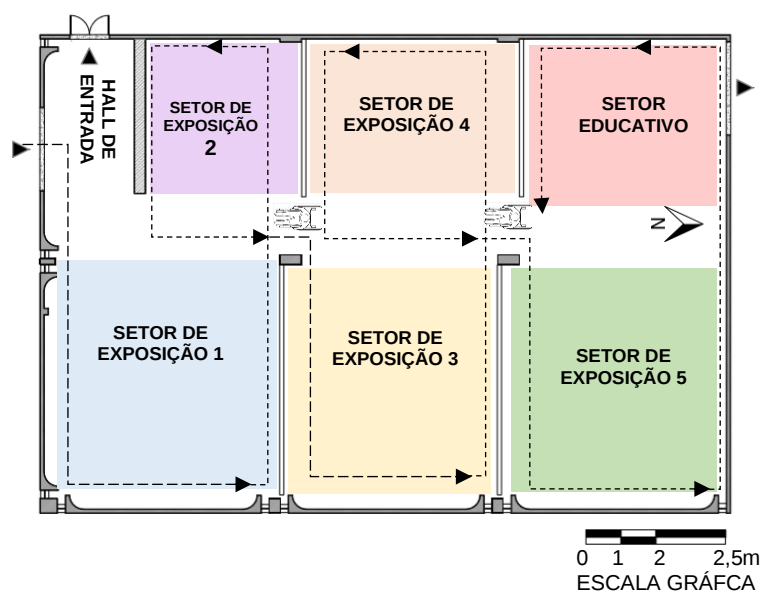


Figura:3 Estudo de Fluxo e zoneamento

Fonte: Própria (2018).

Considerando as informações levantadas e o conceito a ser aplicado, foi desenvolvida uma proposta de layout que se adequa aos parâmetros técnicos e normativos, bem como também atende as necessidades do espaço e seus usuários.

O Layout (Figura 4), contempla as necessidades do espaço, levando em consideração as atividades desenvolvidas no ambiente. As divisórias aplicadas seguem o padrão proposto pelo zoneamento, permitindo que haja um espaço separado da exposição para a execução das atividades práticas do museu. Essa proposta divide o museu em sete ambientes, sendo cinco destinados à exposição do acervo permanente, a fim de desenvolver a ideia conceitual de ambientes residenciais, um para o espaço educativo, e outro pra o hall de entrada.



Figura 4: Proposta de Layout.

Fonte: Própria (2018).

Essa proposta de layout garante um fluxo e uma circulação segura tanto para cadeirantes, quanto para pedestres, e, proporciona uma maior setorização do museu, possibilitando uma melhor distribuição do acervo/mobiliário no espaço.

Projeto Expográfico

Após realizar todo o levantamento do espaço, bem como identificar os problemas e possíveis estratégias de solução, desenvolveu-se um anteprojeto de design de interiores utilizando técnicas de expografia. As soluções propostas podem ser percebidas no layout desenvolvido, com a inclusão de novas divisórias no ambiente que auxiliam na setorização da exposição.

Na entrada do Museu de Arte Sacra Maximiano Campos (Figura 5), optou-se por manter a divisória existente também utilizada como painel de abertura da exposição. Sob o tema “Portas da Memória” a abertura da exposição foi elaborada seguindo o mesmo conceito desenvolvido na pesquisa. Os textos foram produzidos a partir da própria pesquisa sobre o histórico do museu e seu acervo, e aplicados em material adesivo autocolante. Além disso esse setor também se destina a recepção do público visitante, um espaço de primeiro contato com os mediadores e com a ideia central da exposição.



Figura 5: Setor de Recepção/Hall de Entrada.
Fonte: Própria (2018).

No primeiro setor propriamente dito da exposição (Figura 6), a disposição dos móveis selecionados no acervo permanente, bem como os utensílios de louça, castiçais e objetos sacros pretende remeter aos ambientes residenciais dos goianenses do século XIX, datação da maioria do acervo. Por ser um setor que resgata a disposição dos móveis residenciais da história do cotidiano da cidade, ele foi nomeado *Portas do Cotidiano*. O uso majoritário de crucifixos nesse espaço remete ao símbolo maior do cristianismo, muito utilizado por seus seguidores. Os consoles juntamente com a mesa em madeira e a vitrine remetem-se aos móveis utilizados no cotidiano das salas de jantar e estar, bem como também o marquesão, banco muito comum nas casas de engenho. Dentro da vitrine foram dispostas algumas peças de imaginária em miniatura a fim de preservá-las. As imagens foram selecionadas pela sua correlação com a história do museu e da cidade.

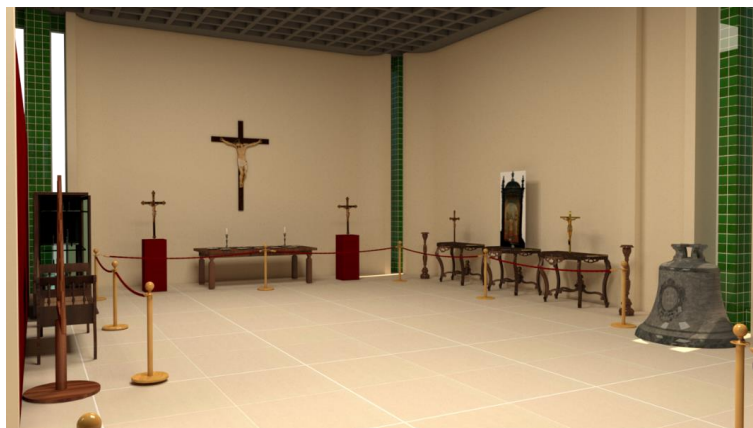


Figura 6: Setor Portas do Cotidiano.
Fonte: Própria (2018).

O segundo setor de exposição (Figura 7), pretende remeter mais ao espaço destinado ao sagrado nas casas de fieis e foi denominado *Portas da Fé*. Os oratórios presentes aqui, variam de tamanho e de adereços, diferença muito presente nos séculos XVIII e XIX, quanto maior e mais adornado, mais posses tinha seu dono. Foram selecionadas também quatro imagens sacras que representam o Cristo em três formas distintas, e estão expostas em uma estante projetada que remete ao formato das portas, tema da exposição. O papel de parede com textura de tijolos, lembra a estrutura antiga de construção das igrejas católicas que eram feitas com tijolos manuais.

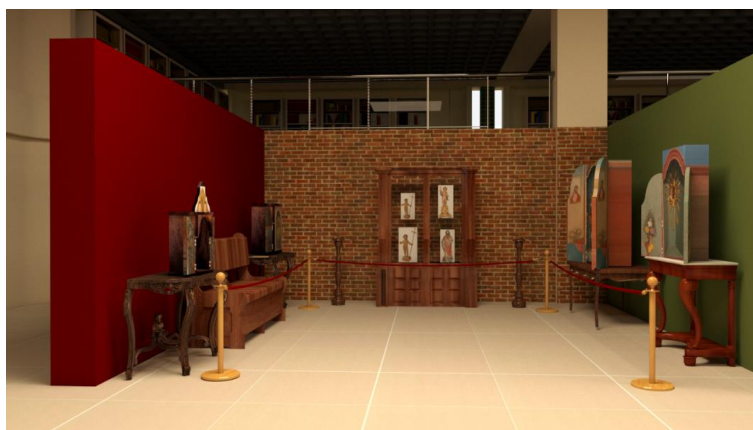


Figura 7: Setor Portas da Fé.
Fonte: Própria (2018).

No terceiro setor de exposição foi exposto, ao centro do espaço, um oratório com detalhes no entalhe da madeira que se destacam pelo dourado em contraste com as outras cores utilizadas. Ao lado deste, estão postas duas vitrines que expõem algumas peças de imaginária em miniatura, protegidas por sua maior fragilidade, bem como também a presença de dois crucifixos. Na lateral esquerda do ambiente estão dispostos um conjunto de consoles que expõem quatro imagens com dimensões medianas que foram selecionadas pela sua ligação com a cultura local. Os tocheiros

presentes nas laterais remetem ao hábito constante de acender velas aos santos, padroeiros em sinal de petição de devoção dos fiéis, e por isso o setor foi nomeado *Portas do Sagrado*.

No quarto setor de exposição (Figura 8) estão postos santuários e oratórios de maiores proporções, com detalhes entalhados, com elementos pictóricos específicos e com formatos mais ousados. O missal, localizado na lateral esquerda é uma referência à importância doutrinária dada pelos fiéis que, na maioria dos casos, possuem em suas casas seus livros sagrados abertos como forma de proteção. Dessa maneira, esse setor foi chamado de *Portas da Proteção*.



Figura 8: Setor Portas da Proteção.
Fonte: Própria (2018).

No quinto setor de exposição (Figura 9), encontra-se exposto, na lateral esquerda, uma maior quantidade de imaginárias, que se classificam como imagens de roca e estão correlacionadas aos padroeiros da cidade e os rituais juninos. Já na lateral direita, estão postos três santuários em menores dimensões, acompanhados de imagens femininas, uma forma de demonstrar a presença forte das santas e sua relação com a figura em destaque ao centro que tem uma significância relevante na história e construção da cidade de Goiana, devido ao fato de ter sido um presente da Princesa Isabel, pela abolição da escravidão na cidade. Por essa representatividade, o setor recebeu o título de *Portas da Liberdade*. Como fundo da Imagem de Nossa Senhora do Amparo, está posta uma moldura de portal feito em gesso. Os suportes e expositores são bases em MDF, já existente no museu, em três dimensões, uma de 0.50x0.50cm com 1.00m de altura, 0.70x0.50cm com 0.60cm de altura e outra por 0.95x0.50cm por .25cm de altura, já existente no local que foram repaginadas com um novo revestimento em tinta látex PVA vermelha.



Figura 9: Setor Portas da Liberdade.
Fonte: Própria (2018).

No setor educativo não há presença de mobiliário ou imaginárias (Figura 10). Esse espaço “vazio” será destinado a execução das atividades de arte-educação desenvolvidas pelo museu. O letreiro “*Portas do Futuro*”, em ACM, brinca com o tema da exposição e indica a possibilidade de recriar memórias para o futuro através da educação.



Figura 10: Setor Portas do Futuro
Fonte: Própria (2018).

Indicou-se a instalação de um quadro em cortiça a fim de que se fixasse o trabalho desenvolvidos pelos grupos escolares visitantes do museu, bem como um painel com televisor que pode ser usado para exibição de vídeos educativos e/ou institucionais. O uso de um tapete para que os estudantes não sentem diretamente no chão, juntamente a algumas almofadas do tipo futon, possibilita que estes possam sentir-se à-vontade no ambiente para conversar e discutir o que aprenderam com a visita guiada.

Conclusão

Com base nos estudos realizados a respeito das técnicas e aplicabilidade dos conceitos de expografia, foi perceptível que essa estratégia pode ser utilizada junto à metodologia de anteprojeto de design de interiores. Dessa maneira se tornou possível desenvolver uma proposta expográfica, baseada nos princípios projetuais de design de interiores, a ser aplicada no Museu de Arte Sacra Maximiano Campos. Tendo em vista que o objetivo desse trabalho foi elaborar um anteprojeto de design de Interiores que utilizasse técnicas de expografia para seu desenvolvimento, identificando o acervo e o histórico do Museu de Arte Sacra Maximiano Campos, considera-se que tais objetivos foram alcançados.

Obtendo como resultado a elaboração de um ambiente que dispõe de uma setorização que proporciona uma melhor distribuição do mobiliário e acervo cumprindo a função de convidar o público alvo a vivenciá-la. À vista dos resultados apresentados foi possível compreender que a presente pesquisa mostra a possibilidade de desenvolver anteprojetos em design de interiores que utilizem técnicas da expografia para seu desenvolvimento, apesar de essa ser uma alternativa pouco explorada pelos atuantes na área.

Notas

¹ Essas informações podem ser encontradas em uma cartilha intitulada: *Princípios Básicos da Museologia*. Essa cartilha tem como objetivo orientar o processo de montagem de exposições, desde a formação da ideia até a concretização da mesma, levando em consideração parâmetros técnicos e normativos.

² COSTA, Evanise Pascoa. **Princípios básicos da museologia**. Coordenação do Sistema Estadual de Museus/ Secretaria de Estado da Cultura, Curitiba: 2006.

³ BORDINHÃO, Kátia; VALENTE, Lúcia; SIMÃO, Maristela dos Santos. **Caminhos da memória: para fazer uma exposição**. Brasília, DF: IBRAM: 2017.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro, p. 162. 2015.

BORDINHÃO, Kátia; VALENTE, Lúcia; SIMÃO, Maristela dos Santos. **Caminhos da memória: para fazer uma exposição**. Brasília, DF: IBRAM: 2017. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/ibram-publicacao/caminhos-da-memoria-para-fazer-uma-exposicao-2/> Acesso em: out. de 2017.

COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane e BRASILEIRO, Alice. **Acessibilidade a Museus** - Ministério da Cultura / Instituto Brasileiro de Museus. – Brasília, DF: MinC/Ibram: 2012. 190 p.; 18x24 cm (Cadernos Museológicos Vol.2)

COSTA, Evanise Pascoa. **Princípios básicos da museologia**. Coordenação do Sistema Estadual de Museus/ Secretaria de Estado da Cultura, Curitiba: 2006.

PANERO, Julius; MARTIN, Zelnik. **Dimensionamento humano para espaços interiores**. Ed. GG, Barcelona: 2002.

POLO, Maria Violeta. **Estudos sobre expografia: quatro exposições paulistas do século XX**. FAPESP, UNESP: São Paulo: 2006.